

Para uma crítica da economia política do tempo: trabalho, aceleração e controle dos regimes de percepção de temporalidade¹

Gustavo Requião Correa de Monlevad²
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio

RESUMO

Este trabalho busca repensar os postulados sobre aceleração do tempo através da teoria crítica marxiana do valor para fugir de um determinismo tecnológico comum ao campo. Compreendemos os avanços tecnológicos como catalisadores, e não como originários, das novas dinâmicas produtivas da indústria digital. A aceleração da vida objetiva uma maior produtividade do trabalho e ampliação dos processos de produção e extração de mais-valor. Articularemos principalmente autores do campo do marxismo, como Karl Marx, Gyorgy Lukács, César Bolaño, Walter Lippold, Deivison Faustino e Ricardo Antunes, mas também criticamente autores da aceleração e percepção, como Jonathan Crary e Paul Virilio. A passagem do tempo não mudou, a realidade permanece a mesma. O que mudou é forma como percebemos o tempo e operamos no mundo.

PALAVRAS-CHAVE

Temporalidade; Aceleração; Trabalho; Teoria Crítica do Valor; Tecnologia.

CORPO DO TEXTO

Existe certo consenso sobre os processos contemporâneos de aceleração da percepção do tempo. Autores dos mais diversos campos buscaram compreender as origens do fenômeno e suas consequências diretas ou indiretas. Das cidades aos avanços nos meios de transporte e comunicação (CAREY, 2009); do tempo coletivo aos relógios pessoais (THOMPSON, 1998); da hegemonia da escrita à proliferação imagem (FLUSSER, 2024); várias foram as justificativas para o fenômeno da aceleração. Uma vez que a técnica em si não é um determinante autônomo dos processos sociais, já que “a tecnologia é sempre uma parte concomitante ou subordinada a outras forças” (CRARY, 2012, p. 17), defendemos que todos esses fatores, frequentemente apontados como possíveis causas da percepção acelerada do tempo são, na verdade, consequências de processos mais profundos que avançam desde as origens do modo de produção capitalista. Os mecanismos capitalistas de expropriação de valor subordinam e determinam o caráter

¹ Trabalho apresentado no GP Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do PPGCOM/PUC-RIO, membro do grupo EPC da PUC-Rio e Bolsista CAPES.
E-mail: gmonlevad@hotmail.com.

das revoluções tecnológicas e dão à tecnologia a *aparência* de determinante autônoma dos processos de sociais (PINTO, 2005), inclusive os de percepção.

César Bolaño demonstra que o avanço dos meios de transporte e comunicação, associados ao desenvolvimento do capitalismo industrial, “desempenham um papel cultural integrador, (...) modificando padrões de comportamento ou mesmo alterando as formas de *percepção* do real” (BOLAÑO, 2000, p. 29. Grifo nosso.). Ao longo dos séculos XX e neste início do XXI, a sofisticação das relações de exploração do trabalho, o avanço das fronteiras do capital, o aumento populacional associado à necessidade de maior diferenciação da divisão do trabalho, a concentração de uma alta densidade populacional em centros urbanos e o avanço das tecnologias de comunicação a graus inimagináveis aos olhos do século XIX foram fatores que, associados, intensificaram ainda mais essas alterações perceptivas do real. Nos interessa desenvolver o apontamento de Bolaño para mostrar como o fenômeno da aceleração se materializa no capitalismo, mas não apenas a partir dos avanços do transporte e comunicação. O avanço dessas áreas contribuiu sim para a intensificação da percepção acelerada do tempo, mas apenas como catalisador de processos sociais anteriores. Acreditamos que uma mudança tão fundamental como a percepção do tempo deva ser derivada de alterações significativas na organização do *cotidiano*, principalmente por mudanças nas relações sujeito-trabalho impulsionadas por mediações técnico-informacionais.

A partir de uma interpretação lukácsiana do trabalho como originário da ontologia do ser social, buscamos compreender a relação do trabalho com o cotidiano cada vez mais acelerado por dinâmicas de controle da produção e da percepção humanas. Também apontamos em Marx as múltiplas relações entre trabalho, mercadoria, capital e tecnologia com a expropriação do tempo a partir do estabelecimento do modo de produção capitalista.

No capitalismo de plataforma, a criação de um *ambiente digital de alta frequência* (PEREIRA, 2024) se dá pela fragmentação do tempo cotidiano e a instrumentalização da dinâmica entre o tempo repetitivo do hábito com o tempo de ruptura da crise. Nossos celulares são, ao mesmo tempo, instrumentos de lazer e máquinas produtivas onipresentes. Estamos sempre conectados, disponíveis. O cotidiano e o trabalho se confundem em dinâmicas cada vez mais fracionadas e descontínuas (CRARY, 2019). O aprofundamento da sensação de aceleração amplia a precarização do trabalho quando “o tempo é controlado por uma autogestão que produz a obrigação de *perceber todos os*

momentos como potencial de produtividade e, portanto, de trabalho exaustivo” (FESTI, et al., 2024, pp. 22-23. Grifo nosso). À medida que o tempo de trabalho se sobrepõe ao tempo livre, dinâmicas aceleradas de trabalho colonizam todo o tempo cotidiano. O controle do fluxo de informação se torna uma das mais poderosas ferramentas de dominação de classe. A luta de classes é uma luta pelo tempo.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2020.

BOLAÑO, César. **Indústria Cultural: Informação e Capitalismo**. São Paulo: Hucitec, 2000.

CAREY, James W. **Communication as culture: essays on media and society**. New York: Routledge, 2009.

CRARY, Jonathan. **Técnicas do observador: visão e modernidade no século XIX**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

CRARY, Jonathan. **Suspensões da percepção: atenção, espetáculo e cultura moderna**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

CRARY, Jonathan. **24/7: capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Ubu editora, 2016.

FAUSTINO, Deivison; Lippold, Walter. **Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana**. São Paulo: Boitempo, 2023.

FESTI, Ricardo; PELEJA, João Pedro; SANTOS, Kethury; GONTIJO, Laura. Consciência em Parallaxe: tensões e ambiguidades entre entregadores de aplicativos. IN: **As novas infraestruturas produtivas: digitalização do trabalho, e-logística e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2024.

FLUSSER, Vilém. **O Mundo Codificado**. São Paulo: Ubu, 2024.

KANGAL, K., Dourado Bastos, M., & Bernardi, G. (2020). Discussões marxistas na Economia Digital: uma crítica a Christian Fuchs. **Revista Eletrônica Internacional De Economia Política Da Informação Da Comunicação E Da Cultura**, 22(2), 67–82. Disponível em <https://periodicos.ufs.br/eptic/article/view/13727>

LUKÁCS, Gyorgy. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2012.

LUKÁCS, Gyorgy. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

PEREIRA, Paula Cardoso. **Futuros Maquímicos: racionalidade e temporalidade nos algoritmos da Inteligência Artificial**. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

PINTO, Álvaro Vieira. **O Conceito de Tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

THOMPSON, E.P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Virilio, Paul. **Guerra e cinema**. São Paulo: Boitempo, 2005.